

FMI alerta para novo 'arrocho'

O diretor do FMI, Vito Tanzi, diz que se não houver equilíbrio entre as políticas fiscal e monetária o arrocho será inevitável

Se o governo brasileiro não conseguir estabilizar sua dívida interna acabará sendo obrigado, numa situação extrema, a adotar um "novo e significativo arrocho fiscal". A previsão é do diretor do Departamento de Assuntos Fiscais do Fundo Monetário Internacional (FMI), Vito Tanzi, ao falar no Seminário Internacional sobre Finanças Públicas, em comemoração pelos dez anos da criação da Secretaria do Tesouro. Para o economista, o ajuste seria necessário para corrigir o desequilíbrio entre as políticas fiscal (controle de gastos) e monetária (controle do dinheiro em circulação).

Tanzi defendeu um "redobrado esforço" do governo para conter os gastos e alertou para o movimento "insustentável" de crescimento da dívida do setor público, diante da dificuldade de

se realizar o ajuste fiscal.

Com base em simulações do FMI, demonstrou que a dívida interna, devido às elevadas taxas de juros, está crescendo mais rápido que o Produto Interno Bruto (PIB), uma situação que, para ele, é "insustentável". Ele disse que, nas condições atuais, tem pouca esperança de que o Governo consiga baixar "de forma duradoura" as taxas de juros.

Tanzi disse que é necessário ter "vontade política" para cortar as despesas, de forma que o Governo gere um superávit primário (receita menos despesa, excluídos gastos com juros) superior ao 1% do Produto Interno Bruto (PIB) programado para este ano. Um superávit desta magnitude, segundo ele, é insuficiente para a estabilização da dívida do setor público.